

Apresentação (ou sobre inventar maneiras de resistir ao impossível)

A escritura não tem outro objetivo: [...] extrair da vida o que pode ser salvo, o que se salva sozinho de tanta potência e obstinação, extrair do acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação, extrair no devir o que não se deixa fixar em um termo. [...] São correias agitadas pelo vento. Um pouco de ar passa. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 61)

A medida socioeducativa atravessa os sujeitos das mais distintas formas. Essa afirmação, que pareceria obviedade, somente não o é quando são escutadas as trajetórias de vida, pois é no interior da existência que os efeitos do vivido podem ser percebidos e tornados matéria de disputa e reflexão. A urgência da discussão acerca da produção de subjetividade na medida socioeducativa se faz em razão da insistente repetição de histórias de violência que, ao longo do tempo, fazem do Brasil um território inóspito para sua juventude, sobretudo negra e periférica, não produzindo senão privação, encarceramento e morte para grande parcela dela.

Práticas discursivas que operam no seio social disseminam a ideia de que são esses meninos os que devem, ainda, ser tutelados e corrigidos por meio de intervenções que, supostamente, buscariam responsabilizá-los. Quem pratica ato infracional teria de passar por certas ações e realizar determinados objetivos a fim de seguir a vida decidindo por outras obras que não as ilícitas. Essa mudança, de acordo com a legis-

lação brasileira, ocorreria enquanto os meninos são tomados como sujeitos em desenvolvimento e da perspectiva da garantia de direitos. Todavia, uma lógica que tem constituído o campo ao produzir a imagem daqueles que devem ser punidos também produz a forma-responsabilização em um modelo que pouco ou nada tem agido no sentido da dignificação da vida. Essa racionalidade e as práticas que engendra nem sempre aparecem para quem acompanha o cotidiano desses meninos, pois o aspecto punitivo, no atravessamento da vida, não se mostra quando olhamos para o campo procurando sempre uma mesma paisagem.

Este trabalho busca mostrar a produção da indignidade operando em circunstâncias que tendem a passar despercebidas e que podem ser vistas somente no intento de uma micropolítica das relações. Minhas memórias pessoais como trabalhadora e pesquisadora do socioeducativo e as histórias dos cinco meninos escutados definiram o percurso da pesquisa que agora é publicada em formato de livro, sendo trazidas para que a medida socioeducativa ressoasse em distintas vozes e na contramão de uma homogeneização que não permite ver a singularidade quando, em realidade, fora dela, quase nada importa.

As histórias aqui contadas lembram que a vida insiste nas experiências mais extremas e fazem ver que esses meninos, com suas estratégias, vão criando brechas por onde passa a alegria nos dias em que a dureza os espreita a cada esquina. Fazendo ver os esforços que são deles exigidos para a construção cotidiana de mundos que lhes sejam possíveis, o estudo também tratou de percorrer as linhas de alargamento da potência de vida; por isso, mostrou a produção das vidas nuas (Agamben, 2010), mas não se deteve nela, pois muitas pesquisas vieram antes e muitas ainda virão para fazê-lo.

A pretensão foi de uma escrita que tivesse outros fins, uma escritura partilhada que procurava pela vida em costura, experimentada e sempre por fazer. Que olhasse para o devir revolucionário nesses meninos, como a recusa ao mesmo, a serem assimilados a um tipo-adolescente, à impossibilidade de seus não quererem não serem lidos como falta de vontade, mas como a marca de uma diferenciação. Que não apenas defendesse o fim radical das violências que os assaltam, mas também modos de viver que inventem estratégias de luta que garantam mais que a sobrevivência física: a possibilidade (e a intensificação) de novas experiências de uma vida que seja “apta, portanto, a atualizar-se em formas diversas, justamente por não estar presa a *uma* forma-de-vida. [Pois] o que nos importa é esticar tal fio em direções muito distintas” (Pelbart, 2019, p. 19, grifo no original).

Estas páginas desejaram o dito produzido na afecção, e os meninos que compuseram o trajeto mostraram que processos justificados por certa ideia de responsabilização individualizam a questão do ato infracional no adolescente, fazendo parecer que a medida estaria desconectada da vida politicamente (intencionalmente) produzida.

Escutá-los engendrou, para quem está na vizinhança do socioeducativo, uma margem de invenção de formas de chegar à existência; por isso, escrevi fora da guerra, mas tendo-a como horizonte e tomando os dizeres desses meninos como palavras-máquina de uma linguagem em que os desejos cabem, escapando, ainda que brevemente, de uma legislação que não determina todos os usos das palavras, mesmo dentro da medida.

